

13.01.2018 | 03.03.2018  
JOANA DA CONCEIÇÃO

CORES EM SILÊNCIO

As pinturas de Joana da Conceição surgem-nos como diagramas visuais que, na sua preponderante aceleração, incitam estados de inquietude cinética. Pondo em prova o ponto focal e capacidade sincrética da nossa visão, as suas pinturas dissecam o real, representando o mundo através da refração meticulosa da matéria física. Com uma plasticidade rítmica que se inscreve ao nível do molecular, as suas composições aproximam-se mais da realidade nuclear e dos seus processos do que de uma pictorialidade abstracta. Os estados de transição da matéria são postos à prova, através do jogo de transparências e sobreposição de padrões de cor e camadas geométricas que caem em cataratas com a gestualidade veloz de graffitis. Harmónios de luz traduzem o movimento genético subjacente aos elementos biónicos das suas composições, quasi-tropicalistas, abundantes em ácido, portais de estados lumínicos.

A sua multidimensionalidade em iridescência, improvisada a partir do jogo de equilíbrio da gestualidade da mancha, tenta representar a incomensurabilidade das coisas impossíveis lendo os corpos além-fronteiras, onde a finitude da epiderme não é a última. Aqui, a dimensão elástica do átomo é lida como unidade plástica a explorar, reconstituir, extravasar, encriptar. A partir uma análise semântica do ritmo compositivo que se perfaz dentro de uma consciência da circulação de imagens na era da fragmentação e codificação digital, surge o tempo interno das pinturas, que se desintegram e fluem, num universo-vórtice onde coexistem múltiplas escalas temporais. Aos hiper-objects, juntam-se referências a desenhos orientais, com o seu decorativismo, excesso de cores e ausência de perspetiva, bem como o olhar para diferentes caligrafias e simbolismo de contos maias.

O trabalho de Joana da Conceição não pode ser lido sem ter em conta o seu amplo percurso musical, enquanto membro do duo Tropa Macaca, e a sua paixão em desenvolver obras gráficas para álbuns e posters de concertos. Na raiz rítmica da sua gramática visual, desenvolvem-se muitos dos princípios do desenho que contaminam as suas pinturas,

13.01.2018 | 03.03.2018  
JOANA DA CONCEIÇÃO

apresentando-se composições soltas e vibrantes de padrões geométricos, repetições de sintaxe visual e celebração de elementos pop num enquadramento puramente psicadélico. As cores cítricas, que utiliza, relembram-nos atmosferas ravy e estados de sublimação molecular, onde torções e movimentos nos dão acesso à geometria secreta das suas pinturas. Através delas navegamos atmosferas de penumbra e dissolução, onde o pendor rítmico da cor se traduz através do desdobramento de realidades.

O conjunto de pinturas apresentado faz parte da recente série *Matéria Doméstica Exótica* (2016-17), onde a artista desenvolve uma série de pinturas que surgem da vivência quotidiana e observação minuciosa da sua envolvência, sublimando o mundano através da sua reinvenção enquanto meio de estudo. Na revolução doméstica do tempo estabelecem-se modos de apropriação do real que destabilizam as escalas temporais da ação e atribuem um cariz paracientífico ao olhar. Através deste, redescobrem-se diferentes combinações alquímicas da matéria, sempre nova e reveladora, bem como o seu potencial de mutação. A composição pictórica surge como um espelhamento refratado do real vivido, que a contamina. No escapismo efabulatório do universo doméstico, cozinham-se cosmologias caseiras, onde cartografias espontâneas de bichos abstratos e seres orgânicos suscitam um certo animismo geométrico, pautado por encriptações caligráficas e camadas de signos e cor. No zoom intenso da dissolução pictórica, acelera-se o olhar e traduzem-se sincronismos rítmicos que acumulam diferentes gestualidades da pintura.

A série de pinturas aqui em mostra é acompanhada por uma série de bancos intitulados *Gaia*, especialmente desenhados para as observar. Estes assentos trapezoidais surgem na sequência da série da artista *Gramática Secreta* e são pintados com o código de cores céu, terra, profundezas.

Margarida Mendes

2018